

Universidades Lusíada

Marques, Marco Alexandre Ramos de Azevedo
Buinhas, 1971-

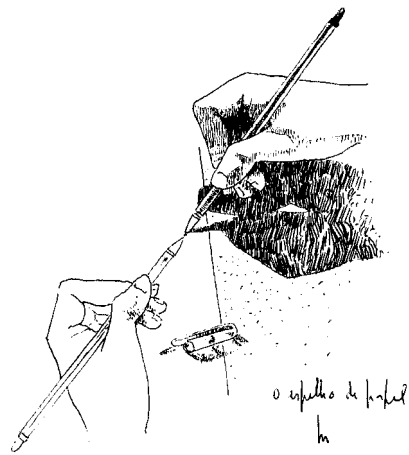
O lugar do desenho / condição virtual

<http://hdl.handle.net/11067/4820>

Metadados

Data de Publicação	1998
Tipo	bookPart

Esta página foi gerada automaticamente em 2023-05-05T09:00:53Z com
informação proveniente do Repositório



O LUGAR DO DESENHO / CONDIÇÃO VIRTUAL

MARCO BUINHAS MARQUES

É no mundo concreto, e na sua própria materialidade, que a Arquitectura se encerra.

É contudo através do desenho que nos tentamos, sucessivamente, aproximar dela no processo projectual.

A necessidade de libertação das ideias dá-se quando estas se afirmam, esmagando o seu próprio plano imaterial. Pedem para sair, tomando expressão pelo desenho. É nesse momento que se filtram nos traços da busca Arquitectónica.

Curiosamente, o desenho aqui assume um carácter peculiar e determinante. Tal como o construído encerra a Arquitectura, é o desenho que encerra/descerra as ideias que lhe dão origem. Toma assim o processo o carácter de exorcismo. O desenho vai suprir a urgência comunicativa que o projecto detém enquanto ideia. A busca da ideia vai-se traduzindo em sucessivos registos, cada vez menos provisórios, cada vez mais precisos.

Comparo a evolução do processo à focagem de uma lente que à partida revela manchas difusas de luz e cor e à medida que se foca, a imagem vai perdendo o carácter de sugestão, traduzindo-se gradualmente no que é na realidade. A luz começa a definir contornos acabando a cor por preenchê-los ocorrendo agora textura, forma e movimento.

Comparo a primeira expressão, o primeiro esboço, ao borrão difuso e sugestivo da lente desfocada. Embora o objecto de desejo já lá possa estar, não é perceptível.

É deste momento em frente que ele se vai definindo num processo que ora retira, ora acrescenta, ora questiona.

Se o desenho enquanto exercício interpretativo nos torna um filtro pelo qual passa uma realidade, e do qual sai depois traduzida

em registos particulares, o esquisso decorrente de processo criativo, assume um carácter ideossincrático.

A realidade é-nos agora interior e depende da nossa própria existência, da nossa criação mental. A filtragem faz-se de dentro para fora, num processo que questiona inclusivé a razão de ser de princípios imateriais e abstractos. Mas tal como a realidade pode, devendo, ser suporte à abstracção, esta última estará decerto na base de toda a realidade que se cria.

É precisamente no fosso que separa a ideia (abstracção) da obra de Arquitectura (concretização) que decorrem as tentativas de objectivação, do tornar real algo não materializado.

Se, e encarando a prática da Arquitectura como contínua, não resultando apenas de experiências projectuais parcelares, mas essencialmente do desenvolvimento e amadurecimento dessas mesmas experiências, será natural o desenvolvimento da articulação mundo interior / mundo exterior pela mão, pelo desenho.

Cabeça e mão começarão a trabalhar sincronizadas criando sucessivos graus de dependência, trocando por vezes protagonismos. O equilíbrio resultante desta relação será evidente no registo dela mesma.

Será possível verificá-lo ao longo do processo de concepção, esquisso após esquisso até á ultimação, se esta acontecer.

É também no mundo concreto, mas na sua imaterialidade, que a Arquitectura grande parte das vezes se descerra, encerrando-se depois para sempre na virtualidade do esquisso.

Lisboa, 5 de abril de 1998